Dominique Stoenesco

Um livro por semana
Un livre par semaine

"Poetas d'Orfeu" Florilégio de poesia

Situada em Bruxelas, a Livraria Portuguesa Orfeu, que também edita livros, é um dos espaços de encontro e de criação dedicado ao mundo de expressão portuguesa mais importantes e mais dinâmicos da Europa. Através de concertos, exposições, apresentações de livros e conferências, a Orfeu ganhou um lugar de interesse nas Comunidades de língua portuguesa.

Em 2011, para comemorar os 25 anos de existência da Livraria Orfeu, Joaquim Pinto da Silva, Diretor, em colaboração com o poeta Fernando Camilo Ferreira, publicou este florilégio de poesia, "Poetas d'Orfeu", para ilustrar o que a livraria tem feito ao longo dos anos. Na nota do editor, Joaquim Pinto da Silva resume: "É um elenco, seletivo, da maioria dos poetas passantes e editados, e de alguns lidos na e pela Orfeu; um rol rico e variado, testemunha de repulsa de fronteiras, mas também, obviamente, de privilégio à língua do ocidente ibérico".

Na origem desta publicação também está a constatação que, na literatura portuguesa, a poesia tem um lugar de destaque em relação à prosa. Os quase 50 poetas selecionados neste volume são poetas editados ou lidos na Orfeu. Alguns poemas foram escritos em português, outros em francês, e outros ainda vêm nas duas línguas.

Por entre os autores, citamos alguns nomes: Alice Machado ("Éros Atlantique", "Les heures bleues"), António Rebordão Navarro ("As casas", "Profissão de fé"), Eugénio de Andrade ("A ilha"/"L'île", "Às portas do sol"/"Aux portes du soleil"), José Augusto Seabra ("Desfibrar a matéria espessa e rarefeita da luz", "Serena é a hora em que soa o timbre equânime") ou Fernando Camilo Ferreira, do qual transcrevemos estes versos: "Dizem do deserto que se estende / em ondas brancas / como mar de areia / mas não / não é o deserto que se estende / estendem-se no deserto os nossos olhos / livres enfim em silêncio e paz / e o deserto somos nós". Retomando a metáfora do prefácio deste "Poetas d'Orfeu", concluiríamos também que "Orfeu é um dos mais belos poemas de amor escritos em português em Bruxelas".

Noite mágica em Paris

Pedro Abrunhosa cantou no Olympia

Por Mónica Fins

Foi numa noite mágica que Pedro Abrunhosa apresentou na última sexta-feira, dia 16 de janeiro, na mítica sala Olympia, o seu último álbum "Contramão" com os "Comité Caviar".

Ainda mesmo antes das apresentações, o cantor nortenho, fez referência às trágicas ocorrências que Paris foi vítima há duas semanas atrás, e todo o movimento "Eu sou Charlie", e a sua total solidariedade.

Pedro Abrunhosa incendiou literalmente o público presente, desde o início do espetáculo, criando uma comunhão com este e fazendo subir ao palco uma grande quantidade de fãs, sobretudo as "abrunhetas", como o músico gracejou, a uma referência a Claude François e às suas "claudetes".

Pedro Abrunhosa iniciou uma digressão para apresentar o novo álbum no seio da Comunidade portuguesa no estrangeiro, e foi um momento único quando este cantou o single "Para os braços da minha mãe" - cantado na versão original com Camané. Houve bastante emoção, e algumas pessoas mais sensíveis deixarem brotar algumas lágrimas. Carlos da Costa comenta "esta canção vem mesmo da alma, do nosso íntimo, e como referiu o Pedro, os nossos pais emigraram na década de 60 e 70 para fugir ao regime ditatorial, hoje os emigrantes, mais que nunca estão a sair do país, porque este foi mal governado, e não soube guardar as pessoas. As pessoas tentam uma vida melhor no estrangeiro, mas esta vida nem sempre é a melhor, muitas vezes ela é bastante dura. Era importante que os altos dirigentes e governantes de Portugal não se esqueçam disso, e esta canção, com todo o seu amor, e carinho transmite esse sofrimento".

Pedro Abrunhosa no palco do Olympia
LusoJornal / Mário Cantarinha

O homem do jazz alternou as músicas deste novo álbum como "Toma conta de mim", "Hoje é o teu dia", "Já morremos mil vezes", com êxitos antigos como "Socorro", "Ilumina-me" ou "Tudo que o te dou".

Deborah Silva, fã de Pedro diz que "foi dos melhores concertos que vi, desde há muito tempo. Este cantor é fantástico, tenho todos os seus álbuns e Dvd's, para mim é um dos melhores cantores portugueses de sempre, um furacão nos palcos".

Entre muitos dos momentos altos do concerto, um foi quando o músico cantou "A.M.O.R", onde faz referência à atualidade francesa e a canção faz alusão às diferentes religiões, e que o importante não é o Deus que se ama, mas o amor entre as pessoas.

O concerto teve uma primeira parte animada pelo cantor Paulo Praça, que integra também o projeto "Comité Caviar", e que já participou noutros projetos como Amália Hoje, Plazza ou Turbo Junkie. Iniciou o seu primeiro álbum a solo em 2007 com o "Disco de Cabeceira", sendo o seu primeiro single "Diz" (A verdade), em parceria de composição com Valter Hugo Mãe, poeta-romancista, ambos originários da mesma cidade.

Um concerto esplêndido, fora do normal, com bastantes alusões à vida política nacional e internacional, marcado pela irreverência com a qual Pedro Abrunhosa já nos habituou.

Foi pena que no final o cantor não quisesse comentar com os jornalistas esta mesma atualidade que ele tão bem faz em palco… Dommage!

Paulo Praça fez primeira parte de Abrunhosa

Por Mónica Fins

Paulo Praça atuou na última sexta-feira, dia 16 de janeiro, na mítica sala Olympia, na capital francesa.

O cantor que integra atualmente o grupo Comité Caviar com Pedro Abrunhosa, fez a primeira parte da digressão que Pedro Abrunhosa e os Comité Caviar estão realizar. "Tive a felicidade do Pedro me ter convidado, não sou cabeça de cartaz, mas é uma sensação bastante reconfortante, atuar nesta sala, pisar o palco do Olympia, é um mito para qualquer músico, pude mesmo falar dos meus ídolos que também já pisaram este palco, é maravilhoso", afirma Paulo Praça ao LusoJornal.

Sobre a intervenção musical Paulo Praça afirma que "é uma experiência incrível atuar em Paris, e eu não posso esquecer que a minha primeira experiência em palco, aos 11 anos de idade, cantei duas músicas francesas, uma do Christophe e outra do Serge Gainsbourg. Nessa altura estava a estudar francês e por isso tenho muito afeto e ligação forte com esta língua. E hoje, este concerto, aqui, vou guardar para sempre na minha memória".

"Foi uma grande surpresa de ver este cantor em palco, eu pessoalmente não conhecia, mas achei as suas canções com letras e melodias muito bonitas e atuais, e deu-me bastante vontade de conhecer mais e de descobrir, confessa Anaïs da Costa.

Paulo Praça no Olympia
LusoJornal / Mário Cantarinha

Com cara de menino, mas já com um longo historial musical, Paulo Praça fez parte dos Turbo Junkie, e relembra em 1997 quando no Festival de Paredes de Coura, partilhou o palco com Smoke City, Cool Hipnoise e Três Tristes Tigres acabando o concerto com os grupos todos em palco a celebrar, numa total comunhão. Depois veio Grace, e os Plazza "com o meu irmão Simão Praça e com o Quico Serrano", e que se distingue o sucesso do single On the radio, canção que foi posteriormente utilizada por uma empresa de telecomunicações e que a tornou bastante conhecida.

Em 2007 faz pela primeira vez um disco a solo "Disco de cabeceira", produzido por Mário Barreiro e em parceria de composição com Valter Hugo Mãe, poeta-romancista, amigos de infância. "Uma necessidade que nasceu dentro de mim, de cantar em português e de fazer o meu próprio disco" confessa Paulo Praça.

Mais tarde, a convite de Nuno Gonçalves, dos The Gift, integrou o projeto Amália Hoje, com Sónia Tavares, vocalista dos The Gift e ainda Fernando Ribeiro, dos Moonspell. Uma homenagem à diva do Fado, Amália Rodrigues, mas à luz da sonoridade pop atual. Um sucesso inigualável, que faz a banda viajar por todo o mundo, para cantar e relembrar a fadista mais universal de Portugal.

Neste momento trabalha no seu terceiro álbum a solo de originais, disco que ainda não tem nome, em fase de pré-produção com Eurico Amorim, e que sairá ainda em 2015. "Já gravei seis canções, penso ainda fazer mais algumas". Mas entretanto, o músico vilacondense não para e fez um novo disco com Pedro Abrunhosa e outro novo disco com os The Gift.

As canções são compostas por Paulo Praça e escritas, em parceria ou não, com escritores como Valter Hugo Mãe, José Luís Peixoto, José Coutinhas, ou ainda o seu irmão Simão Praça. "Gosto bastante de literatura, gosto de escrever, mas não gosto de cantar o que escrevo, prefiro ir ao encontro de outras pessoas, prefiro as parcerias, considero que os escritores têm este dom de embelezar aquilo que nós queremos dizer".

Paulo Praça cantou e encantou o público do Olympia, marcou pela sua irreverência em palco e finaliza "eu tenho uma premissa, sempre que faço um concerto, encaro-o como se fosse o último, quando dou, dou tudo, tal como me levanto todas as manhãs, e esse é para mim o melhor momento do dia, porque estamos aqui, e estamos vivos. No palco é exatamente igual, quando se faz aquilo que se gosta, é uma dávida, é excecional, e eu tenho muita sorte em fazer aquilo de que gosto".